

Cerrado devastado para dar lugar a nova cidade do DF

Quem passa nas imediações das Centrais Elétricas de Brasília — Furnas —, depois de Taguatinga, se depara com uma cena que não é freqüente no Distrito Federal, e que predomina na exótica Floresta Amazônica: a devastação de imensas áreas verdes para aproveitamento de madeira.

Só que no caso do DF a mão depredadora do homem não está sendo orientada nesse sentido. Ali, começam a ser dados os primeiros passos para a construção de Samambaia, através do trabalho da terraplenagem. Máquinas com essa finalidade sobem e descem, matando o cerrado para dar lugar a um núcleo urbano, esperado pelos que sonham com uma vida melhor e em permanente contato com a natureza.

Quando o vento aumenta de intensidade, grandes blocos de poeira cruzam o horizonte, tornando praticamente impossível o acesso até ao local da incipiente obra. Até mesmo os operadores e tratoristas sentem dificuldades em tocar o negócio pra frente, tamanha são as ventanias que se sucedem.

PIONEIROS

Em meio às dificuldades impostas pela natureza, o projeto Samambaia começa a ser executado. Há pouco mais de uma semana, o Governo do Distrito Federal concluiu as obras de um canal e no início da semana que passou, uma nova construtora instalou-se no local, para iniciar os serviços de saneamento básico.

Samambaia, para aqueles operários que chegaram como pioneiros da obra, não passa de um sonho. Ninguém arrisca um palpite otimista. Olham o cerrado, observam a planta estudada pelos arquitetos e engenheiros, mas não entendem a fórmula como será concebida a nova satélite.

Para a construção do canal, a céu aberto, com mais de 200 metros, se revesaram quatro construtoras. Agora, com a nova etapa de galerias, já montou seu barraco a construtora EM-SA - Empresa Americana de Montagens Ltda, mobilizando cerca de 20 operários. As obras estão com um prazo estipulado em 60 dias, conforme revelou o mestre-de-obras José

Ramos Sobrinho, um pernambucano de Santa Cruz do Capibaribe, que reside em Brasília desde a sua fundação.

Ele mora em Sobradinho, tem casa própria e disse que ficou impressionado com a área onde será projetada a nova cidade-satélite. Em Sobradinho, segundo ele, muita gente já fala em adquirir lotes em Samambaia, "apesar de ninguém saber ao certo como será este novo Eldorado".

Juntamente com Ramos Sobrinho chegaram "peões" de todos os recantos do Nordeste, que moram geralmente nas cidades de Ceilândia e Gama, contratados pela EMSA, exclusivamente para estas obras. Concluída a etapa de galerias, novas construtoras aparecerão no local e aí também estará encerrada a participação destes operários no projeto.

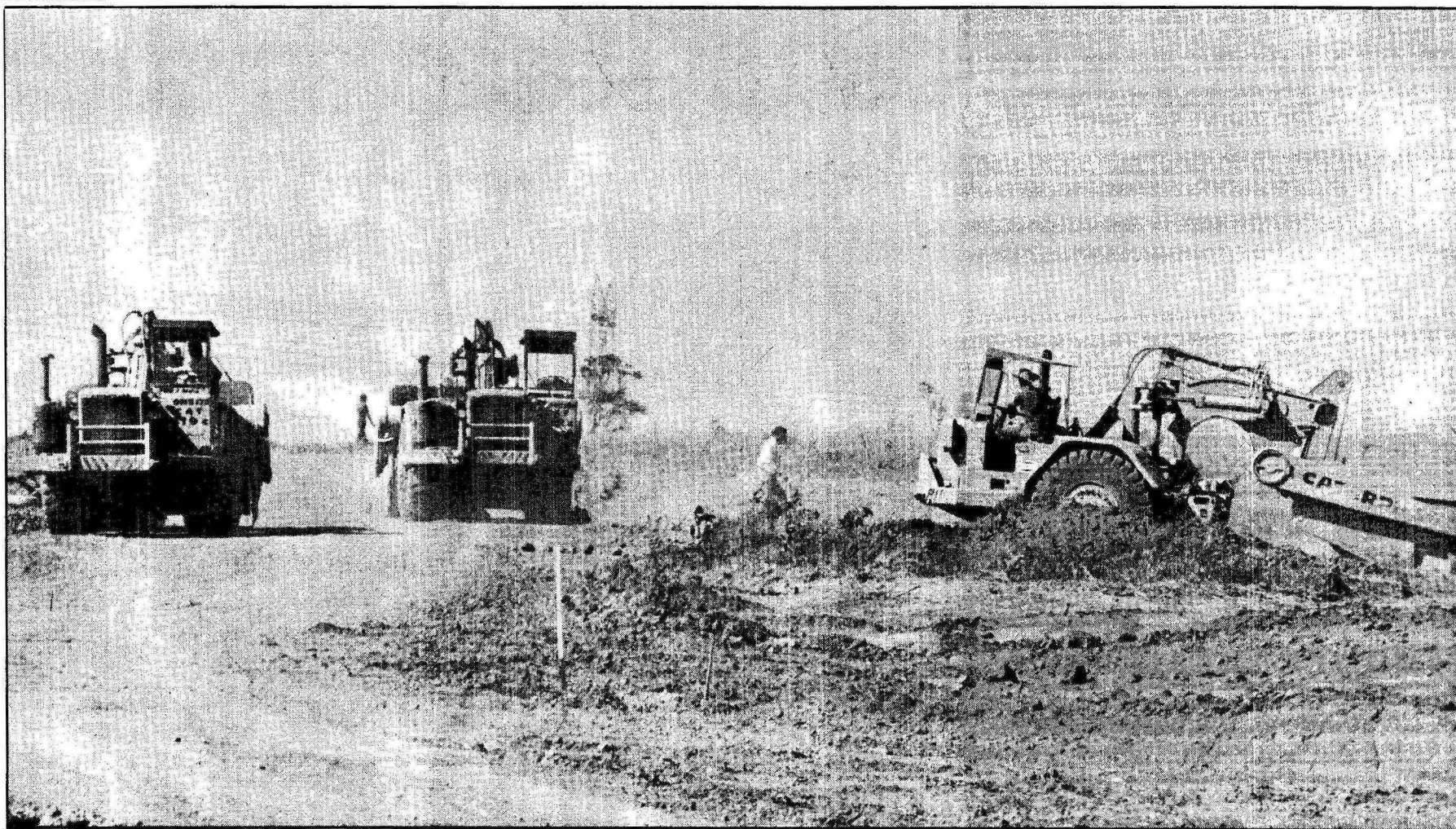
BARRACO

O canteiro de obras de Samambaia está no momento, resumido a isso: conclusão do canal e início das galerias. Essas duas fases porém, foram acompanhadas por uma personagem que já se identificou com a região, fazendo boas amizades e conquistando a simpatia de todos os "peões": dona Domiciana Maria de Brito, uma cabocla de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, que vai ganhando o pão com uma movimentada barraca, instalada defronte ao acampamento da construtora.

Ali, naquele pequeno barraco, construído com a ajuda dos próprios operários, todos que atuam na obra discutem o projeto, inspirados pelo cafezinho da única mulher que aparece naquelas redondezas e que chegou como pioneira, falando com muita empolgação da futura cidade.

Domiciana Brito confessa que já ganhou uma boa "grana", vendendo bolo, pão, bolacha e café, a ponto de, apesar de ter cinco filhos, conseguir abrir uma poupança em Taguatinga Sul, onde mora em área invadida. Sua barraca funciona das sete da manhã até às cinco da tarde. Ela só tem uma reclamação a fazer: está achando o movimento fraco e torce para que os trabalhos de terraplenagem acabem logo, para chegar ao local maior número de fregueses.

LUIS MARQUES



No canteiro de obras, máquinas não param. Dentre em breve os serviços de terraplenagem estarão concluídos